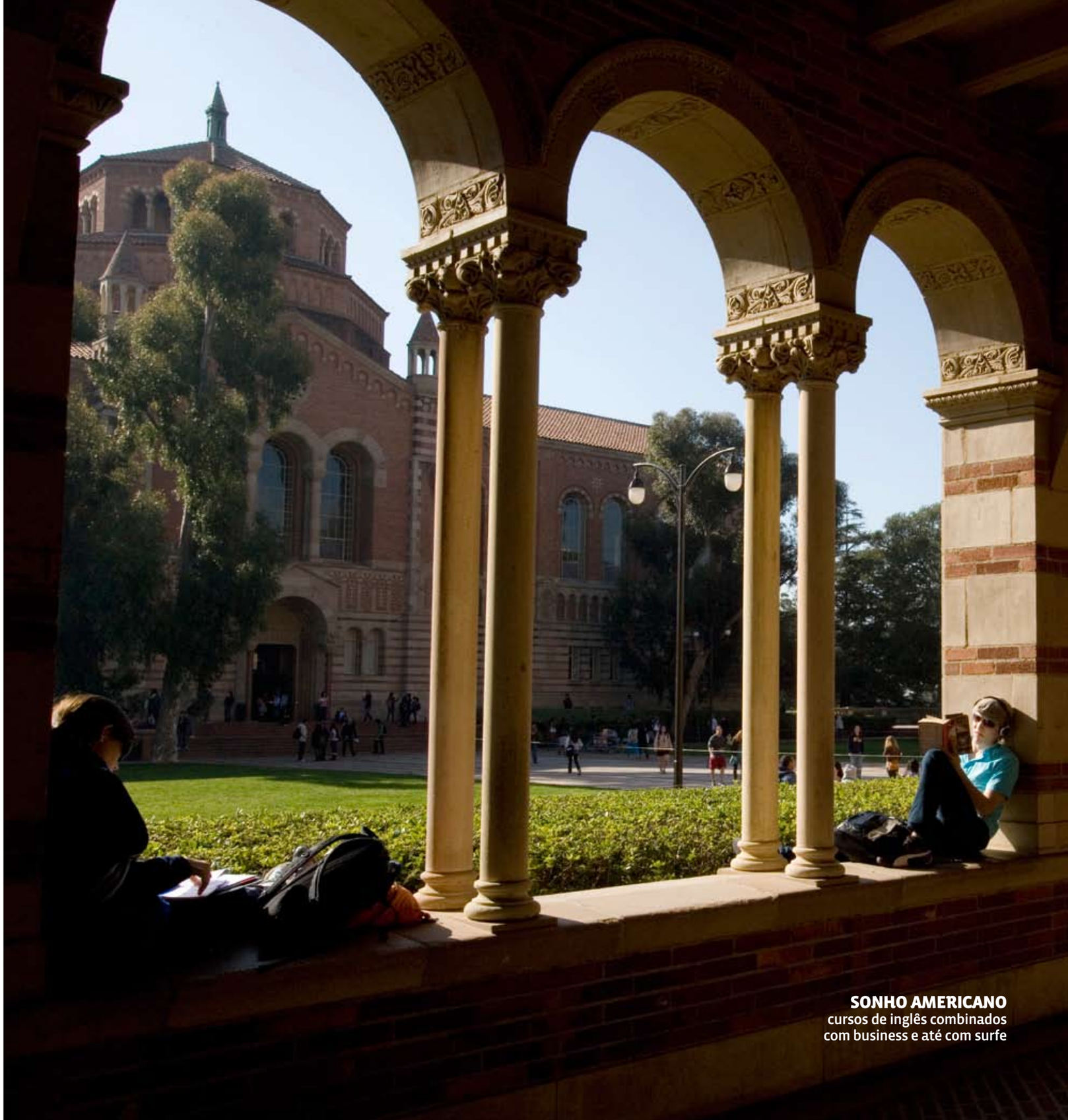
VESTIBULAR OU AEROPORTO?

Fazer uma universidade fora do Brasil é algo para se pensar com carinho

POR LEONARDO MILLEN

Não é segredo que a estrutura e a qualidade do ensino de algumas universidades estrangeiras, como as americanas, australianas, canadenses e inglesas, é excelente. E que um curso de graduação em uma delas significa um diferencial no currículo. A decisão de trocar o vestibular ou a faculdade pelo aeroporto é difícil, mas não impossível. Os custos são altos, por isso é preciso se informar, planejar, economizar e estudar bastante.

Bolsas de estudo integrais são muito difíceis de se obter. O certo é que, para se pleitear qualquer tipo de bolsa, quanto mais perfeito for o histórico escolar e maior as notas nos testes de proficiência (TOEFL ou IELTS), melhor. Dependendo do curso escolhido, a nota de corte pode ser bastante alta. Por isso, a maioria das bolsas concedidas pelas universidades estrangeiras ou por órgãos brasileiros varia entre 30 e 70% do custo total anual. Um curso de US$ 30 mil anuais, por exemplo, com bolsa de 30%, sai por US$ 21 mil por ano, ou US$ 1,75 mil por mês.



SONHO AMERICANO
cursos de inglês combinados com business e até com surfe

Conseguir uma bolsa não é tudo. É preciso computar o percentual não coberto pela bolsa mais as despesas gerais da viagem. Universidades mais rigorosas podem ainda exigir um curso preparatório com duração de alguns meses a um ano. Na Austrália, nos Estados Unidos e na Nova Zelândia, por exemplo, o EAP (English for Academic Purpose) pode custar entre 100 e 1 000 dólares por mês. "Vim para Austrália fazer mestrado e o meu irmão, Gabriel, a faculdade de Economia, ambos na Macquarie University, em Sidney. Não tivemos de prestar o IELTS. Fizemos uma redação e a faculdade avaliou que precisaríamos cursar sete semanas de inglês antes de as aulas começarem. O curso, da própria faculdade, custou 3 500 dólares australianos", conta Daniel Waknin, que cursa gestão de bens de consumo de luxo.

As bolsas são válidas pelo período total do curso, mas em muitos casos sua renovação anual depende do desempenho acadêmico do aluno. O estudante precisa manter uma média mínima, que é informada antes das aulas começarem. "A graduação na Austrália dura só três anos. É bem mais difícil que no Brasil. Copy/paste não rola de jeito nenhum. Tudo tem que ser escrito pelas suas próprias palavras. É muito difícil tirar nota alta. Para você receber um dez, tem que demonstrar que fez tudo o que foi pedido pelo professor e ir além, com leituras complementares", diz Gabriel Waknin.

Muitos estudantes pensam em trabalhar para amortizar os custos durante o curso. Mas, na maioria dos países, os vistos de estudante só permitem trabalhos de até 20 horas semanais após seis meses de curso. E nem sempre é possível conciliar. "No Brasil eu sempre estudei para tirar as melhores notas e fiz trabalhos voluntários, geralmente com crianças. Tudo isso pesou para conseguir uma das duas únicas bolsas oferecidas pelo Humber College. Mas para mantê-la tenho que tirar 70% no mínimo de boas notas. O estudo aqui é muito mais apertado que no Brasil. Não dá para trabalhar mais do que 10 horas por semana. É preciso muita determinação", garante Barbara d'Oro, que cursa o segundo ano de Broadcasting Television and Videography no Humber College em Toronto, no Canadá.

AUSTRÁLIA
Gabriel na graduação e Daniel na pós-graduação

Esportistas, aos estudos!

Atletas conseguem bolsas em universidades de acordo com suas performances

As regras de admissão para atletas em universidades americanas são as mesmas, porém, eles conseguem bolsas de 30% a 70% se obtiverem bons índices em testes de performance nas universidades e por avaliações da NCAA / NAIA (ligas que controlam os esportes universitários nos Estados Unidos). "Quando um atleta nos procura, avaliamos a sua capacidade atlética e pesquisamos as universidades que estejam ao alcance financeiro e acadêmico. Depois, indicamos profissionais para prepará-lo para os testes requeridos pela universidade escolhida. Assim ele pode receber uma bolsa de estudos mais alta", explica Daniel Sgambatti diretor da Daquiprafora, especializada em programas para atletas em universidades nos Estados Unidos. Também há operadoras que oferecem programas para atletas amadores, como a CI. Basta ter entre 16 e 26 anos e praticar futebol, tênis, golfe ou basquete, por exemplo. As ofertas de bolsa cobrem parcialmente o curso, o alojamento nos dormitórios das universidades e a alimentação. Quem não tem bom nível de inglês faz um curso do idioma chamado ESL, por um período mínimo de seis meses antes de ingressar na universidade escolhida.

TOP OF THE TOP Cambridge, a mais tradicional universidade da Inglaterra, é tão rigorosa quanto o invernoeuropeu: só 10% dos pedidos de inscrição de estudantes estrangeiros são aceitos

O LONGO CAMINHO DAS PEDRAS

Quem ainda está no segundo grau e pretende fazer a graduação em uma universidade no exterior deve começar a se programar antes de concluir o último ano. Se a carreira está definida, fica mais fácil direcionar as pesquisas em publicações especializadas e em sites como o da Belta (belta.org.br) – a associação que avalia e certifica as principais agências do setor. Neles há informações sobre os países, as universidades, as operadoras, os programas e todos os pré-requisitos e procedimentos de admissão e bolsas de estudo. E se existem instituições de apoio educacional do Brasil e do exterior que oferecem algum tipo de ajuda.

Para os já estão cursando, o caminho das pedras é praticamente o mesmo. A exigência mais comum é que o estudante tenha cumprido pelo menos 50% dos créditos no Brasil, tenha notas altas e domine o idioma estrangeiro. A grande diferença é verificar se há convênios e parcerias entre a sua universidade e as que oferecem o mes-

A

CURRÍCULO TURBINADO Aprender com os melhores: cursos em universidades como a Dickinson, em North Dakota, e a McGill (à direita), em Montreal, abrem portas em qualquer empresa

mo curso no exterior. O estudante precisa checar também se os créditos cursados no exterior serão validados pela sua universidade na volta e vice-versa. Pode haver dificuldade na equiparação de alguns cursos. Direito, Medicina e Odontologia, por exemplo, têm concepções diferentes em cada país. É bom lembrar que, mesmo obtendo uma bolsa, o estudante ainda tem de pagar os custos da documentação, passagem, hospedagem e os cursos preparatórios, além de uma boa reserva para as demais despesas, como seguro-saúde, lazer e viagens turísticas.

Tanto para o vestibulando quanto para o já estudante universitário, vale elaborar uma lista das cinco melhores opções e ir reduzindo até chegar a que possua a melhor relação custo/benefício. Daí é hora de começar a planejar a viagem. Com raras exceções, demora-se um ano entre a decisão de ir até a hora do embarque, principalmente quando se pleiteia uma bolsa de estudos.

ALTERNATIVA COLLEGE A procura também tem aumentado para os chamados Colleges, um curso de pré-graduação. Nos Estados Unidos existem Community Colleges, instituições ligadas às escolas, grupos e empresas numa determinada comunidade. Eles são muito mais flexíveis nos critérios de admissão que as universidades e custam bem menos. Atualmente, cerca de 50% de todos os universitários nos Estados Unidos fizeram os dois primeiros anos de estudos num Community College para depois se transferir para uma universidade de sua preferência e concluir com mais dois anos um bacharelado na sua área de interesse. "Normalmente, as faculdades comunitárias oferecem cursos de associates degree que duram apenas dois anos. Os diplomas são chamados de associate of arts (A.A.) ou associate of science (A.S.). Os Community Colleges também oferecem excelentes programas técnicos com duração de um ou dois anos", explica Paulo Rodrigues, do U.S. Commercial Service de São Paulo.

No Canadá, o forte dos cursos de College é exatamente a ênfase profissionalizante. Como o país tem um câmbio mais favorável, a combinação tem atraído muitos estudantes brasileiros. "Os Colleges no Canadá têm duração de poucos meses até quatro anos, tanto em inglês como em francês. As instituições trabalham em conjunto com as empresas para garantir que seus programas estejam de acordo com as necessidades do mercado de trabalho. Muitos cursos oferecem um estágio profissionalizante em empresas canadenses, como a Bombardier, na área de aviação, por exemplo. Outras áreas visadas são as de tecnologia digital, animação, design gráfico e cinema, que no Canadá são muito fortes", explica Carolina Cardoso, do Centro de Educação Canadense, uma instituição oficial que ajuda gratuitamente os jovens que queiram estudar no país.

"Estudo em um College com aproximadamente 4 mil alunos, com uma grande variedade de cursos e excelente infra-estrutura. Eu faço o Integrated Marketing Communication, no Brasil seria Marketing Integrado. O diretor do curso é o autor dos livros utilizados em todo o Canadá (Kip Tuckwell). A escola tem, por exemplo, um centro destinado aos alunos internacionais. Caso haja dificuldade em matérias, é possível solicitar que colegas (remunerados pelo College) te auxiliem. Os cursos, puxados, são muito práticos e voltados para a profissionalização. A exigência e a cobrança dos professores é alta, não pode chegar atrasado e é preciso vestir terno e ter discurso profissional" conta o gaúcho Ricardo Giuliani, que estuda Marketing Integrado no St. Lawrence College, em Kingston, Ontário.

Pagar caro, estudar muito, ficar longe de casa. Será mesmo que compensa? Quem foi diz que sim. "Vale muito a pena conhecer gente nova, outra cultura, morar sozinho, comer comidas diferentes, não ter medo de andar na rua, aprender um novo idioma e adquirir uma experiência profissional que é diferencial no mundo inteiro. Recomendo para todos como investimento. Precisa lidar com a distância da família e do país e abrir mão de algumas coisas, inclusive de um bom churrasco. Mas, no fim, é recompensador", diz Giuliani. t